

## **A PRESENÇA DOS MIGRANTES NORDESTINOS EM ASSAÍ NA DÉCADA DE 1950<sup>1</sup>**

Cátia Rocha Gonçalves  
Regina Célia Alegro

Assaí é uma cidade do norte do Estado do Paraná, que faz limites a oeste com Londrina, ao norte com Jataizinho e Uraí, ao noroeste com Ibiporã, ao leste com Nova América da Colina e São Sebastião da Amoreira e ao sul com Santa Cecília do Pavão e São Jerônimo da Serra. Constituída pelo núcleo Três Barras, Assaí se distingue por sua colonização marcada pela ação de imigrantes japoneses. Como registra Padis (1981, p. 90):

Merecem particular referência nesse novo movimento ocupacional do norte do Estado duas iniciativas. A primeira delas, de dimensões relativamente modestas, foi encetada a partir de 1931 em áreas ainda não ocupadas do chamado Paraná Velho, vizinhas a Cornélio Procópio, por duas Companhias constituídas de capitais japoneses, a “Brazil Tokushoku Kaisha” – BRATAC – e a “Nambei Tochikubushiri”, que resultaram no aparecimento de duas cidades – Assaí e Uraí – cuja base econômica não era o café, mas o algodão e cuja população não era constituída de nacionais, mas de japoneses imigrantes. Essas colônias - como as suas similares paulistas – prosperaram rapidamente, dada a qualidade das terras e a assistência médica, agrônômica e financeira fornecida pelas próprias colonizadoras.

Inicialmente foi chamada de Assahi (em japonês, significa sol da manhã), porém, para não ser confundida com um coqueiro nativo da Amazônia, passou a ser denominada Assaí. Houve tempos em que foi chamada de Assahilândia (terra do sol nascente) que significa: cidade construída pelas pessoas que pertencem ao país onde nasce o sol. No entanto, a participação de migrantes nordestinos, paulistas e mineiros pode ser analisada como muito importante para o desenvolvimento da cidade.

---

<sup>1</sup> Este texto, compõe o terceiro capítulo da Monografia: Migrantes nordestinos no cultivo do algodão (Assaí - PR, década de 1950): leituras a partir da escola., apresentada ao curso de especialização em História Social e Ensino de História – Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Célia Alegro.

A propósito do desenvolvimento da cidade pode-se observar que a cultura do algodão foi o atrativo para a vinda de imigrantes japoneses e diferentes grupos de migrantes nacionais, como evidenciam os dados:

Uma experiência feita pelo agricultor Heiju Akagui, que plantou algodão em 1934, foi o impulso que faltava para que as comunidades atingissem seu pleno desenvolvimento. Ele colheu 360 arrobas de algodão por alqueire e o fato ganhou dimensões inimagináveis. Para se ter uma idéia do que essa safra representou, basta dizer que até então a Companhia havia vendido apenas 213 alqueires de terra e, a partir da safra de Akagui, chegou ao final de 34 com 2140 alqueires vendidos (OGUIDO, 1988, p. 129-130).

Conforme constata-se em Oguido (1998), a partir da safra de 1934, o resultado da colheita do algodão favorece a venda de muitos lotes de terra. Assaí passou a ser conhecida como capital do algodão necessitando de muita mão-de-obra:

(...) a cotonicultura no norte do Paraná ganhou tanta importância econômica que Assaí passou a ser conhecida como “capital do algodão”... o norte do Paraná cultivava também o ouro branco. Essa cultura dependia do trabalho manual, do trabalho familiar e empregava grande número de pessoas de todas as idades, especialmente na colheita. Esses elementos estão entre aqueles que forjaram na lembrança dos moradores do norte do Estado, uma idade de ouro, um tempo de esperança e fartura para todos os que quisessem trabalhar na região (ALEGRO et al, 2007, p.11).

A cultura do algodão necessitava de trabalho braçal em grande escala, o que proporcionou a geração de inúmeros empregos.

Asari (1992) refletindo sobre a ocupação do núcleo Três Barras (depois, Assaí) utiliza-se do conceito de “frente pioneira” de Monbeig (1984). Esse conceito vincula-se ao de economia de mercado. Isso denota que a produção agrícola insere-se na economia de mercado, os produtos têm valor de troca. Para a autora a ocupação e a exploração da região ligava os interesses expansionistas do capital japonês ao Brasil. Tanto que “em 1934 veio ao Brasil uma missão japonesa de indústrias de fios e tecidos de algodão”. Essa missão foi sucedida por outras com o objetivo de ampliar o comércio entre Brasil e Japão, principalmente do algodão (VIEIRA apud ASARI, 1992, p. 12). A frente pioneira pressupõe meios de produção e escoamento dos produtos. Por isso no caso de Assaí, a companhia colonizadora providenciou não apenas o

financiamento da aquisição dos lotes, mas uma infra-estrutura para a auto-sustentação da colônia (estradas, escolas, saneamento de áreas insalubres para combater a malária e a leishmaniose, estabelecimentos para beneficiamento de cereais, etc.). Pressupõe também um modo de organizar a produção e a circulação das mercadorias.

Essa perspectiva determinou a demanda – e a atração – de mão-de-obra, pois sabe-se que os lucros são extraídos do trabalho excedente e na década de 1950 não havia maquinários para colher a fibra do algodão.

Por outro lado, a criação da Colônia Três Barras inseriu-se na política migratória do governo japonês que na época objetivava a emigração de agricultores-proprietários e não de colonos-empregados (como ocorrera no início do processo imigratório para o Brasil). Vieira (apud ASARI, 1992, p. 15) afirma que a Bratac “Propunha-se recrutar e encaminhar os emigrantes de colonização agrícola, não deixando-os isolados, mas organizando-os como colonos-proprietários em núcleos planejados”

Para tanto, segundo Asari (1992), a companhia privilegiou a reemigração de japoneses que já estavam no Brasil, a maioria trabalhando nas fazendas de café no estado de São Paulo. Com 30% do valor de entrada, podiam adquirir lotes de terra fértil na Colônia Três Barras. O restante do valor era pago em quatro anos e dependia dos rendimentos da propriedade.

Assim, tanto o investimento das empresas colonizadoras como dos imigrantes tinham que ser, obrigatoriamente, lucrativos. E o trabalho familiar geralmente não era suficiente para garantir tal rendimento em pouco tempo. Derrubar a mata e explorar a terra tornando-a lucrativa demandou a vinda de nacionais (mineiros, paulistas, nordestinos e paranaenses das proximidades), sobretudo como trabalhadores que deslocavam-se espontânea e solitariamente, sem a ajuda oferecida aos japoneses pelo estado ou empresas colonizadoras. A aquisição da terra não era vedada aos brasileiros, mas exigia acesso ao financiamento e recursos dos quais não dispunham.

A análise do conteúdo das entrevistas revela que os nordestinos se deslocaram para o município de Assaí, motivados mais pelo desejo de uma vida melhor do que para adquirir terras. Essa “vida melhor” é descrita pelos

entrevistados como sinônimo de trabalho e conseqüentemente de “fartura”. De modo geral desejava-se “vida boa” e ganhar dinheiro. Depois de iniciar o trabalho no algodão é que a perspectiva da compra de um pequeno lote começava a se desenhar para alguns.

A produção de algodão em Assaí era fonte de trabalho braçal, gerador de riquezas, e isso se propagava de “boca a boca”, ultrapassando divisas e chegando até a região nordeste do Brasil, como se pode constatar na fala dos entrevistados:

(...) quando eu vi um amigo meu que veio aqui no Paraná e levou umas fotografias das lavouras e mostrou para mim fiquei louco por esta terra e vim aqui catei algodão, catei algodão (...) (PESSOA, p. 2, entrevista n° 37/2006).

(...) um dia chegou um rapaiz aqui do Paraná né, contando que o Paraná era muito bom e tale, e eu escutei aquilo e tentei vir pra cá. (BRANCO, p. 2, entrevista n°23/2006).

(...) meu cunhado veio antecipou pra cá nós trabalhava... quando eu saí do exército eu vim pra cá (...) (SILVA, p. 3, entrevista n°45/2006)

Naquela época já existia pessoas que tinha trabalhado aqui na região e tinha voltado lá e as informações eram boas, então baseado nisso que a gente veio pra cá também (LUZ, p. 2, entrevista n° 06/2006).

(...) porque o povo falava que aqui dava muito algodão (SILVA, p. 2, entrevista n°21/2005).

(...) aí ele chegou de repente lá nos casamos dentro de 15 dias e viemos embora (...) eu tava doida pra vim pra cá (SILVA, p. 3 entrevista n° 27/2006)

Era que tinha bastante pessoa aqui né! Ai já que tinha comunicação com eles ai eu vim pra cá através deles (SILVA, p. 2, entrevista n° 32/2006).

(...) tinha notícia, (...) é “chegá” lá e “rastá” dinheiro “co” rodo, não sei que tem lá... “intão” naquilo tudo o sonho, a gente vinha (SOUZA, p. 2, entrevista n° 02/2006).

Intão que eu saí pra procurá recurso (...) eu encontrei cum colega, di lá da Bahia, que já trabalhava no Pau-d’alho<sup>2</sup>, aí ele pegô eu i levô (SANTANA, p. 2, entrevista n° 13/2006).

---

<sup>2</sup> Pau D’Alho do Sul, hoje é um Distrito de Assaí. Na época era uma Secção Rural de Assaí.

Eu vim no destino de trabalhar no Paraná, porque a fama do Paraná era muito boa (...). Na época que eu vim aqui, o mais era algodão (SILVA, p. 2, entrevista n° 17/2006).

(...) na Bahia e lá a gente tinha uma vida meio difícil, né, e daí minha mãe e meu pai resolveu vir pro Assaí porque (...) era conhecida no Brasil como a capital do algodão, né. Daí a gente veio pra cá com a esperança de ganhar mais dinheiro, trabalha no algodão (...) (SILVA, p. 2, entrevista n° 43/2006)

Pode-se observar que a propaganda “boca a boca” era bem determinante. Mas, não ocorria de modo tão espontâneo como os entrevistados fazem parecer. Asari informa que houve investimento maciço na propaganda para atrair compradores para Assaí. Inclusive porque a Brasil Tokushoku Kaisha (Bratac) – mais tarde transformada em Sociedade Colonizadora do Brasil Ltda – concorria com outras colonizadoras que atuavam em todo o norte do Paraná.

(...) acreditou-se ser a propaganda o meio mais eficaz para a venda de terras. (...) cartazes de propaganda deveriam ser afixados nos hotéis das principais cidades. Os jornais brasileiros e japoneses poderiam ser utilizados. Acima de tudo, esse esquema deveria ser amparado e complementado por agentes de venda, estabelecidos nos principais centros” (KOBAYASHI apud ASARI, 1992, p. 25)

Essa publicidade, dirigida a possíveis compradores, alimentava e confirmava a propaganda “boca a boca” entre os trabalhadores.

A Bratac não era a única empresa que investia em propaganda. Provavelmente, a Colônia Três Barras também foi beneficiada pelas expectativas geradas pela intensa propaganda de outras empresas, como a Companhia de Terras do Norte do Paraná – CTNP – sobre o norte do Paraná. A CTNP realizava grande investimento em publicidade por meio de panfletos do tipo que pode ser observado na figura 1. Essa publicidade chegava a todo canto do Brasil e em diversos países, inclusive no Japão, apresentando uma oportunidade promissora também para aqueles que desejavam trabalhar e progredir no Norte do Paraná.

# O Melhor Rumo

# O Melhor Futuro

## E' collocar-se no Norte do Paraná

### ADQUIRINDO

uma área de terras, por pequena que seja, da

## Comp. de Terras Norte do Paraná

Terras com extraordinária produtividade, pelo cultivo para a produção de café, algodão, cana-de-açúcar, laranja, etc.

Estão-se pedindo representantes para as grandes fazendas e fazendas de demorço para o país do Mato Grosso, não muito longe das grandes fazendas, com condições para todo o futuro, em terras muito próximas, por via aérea de Curitiba, no meio da Comp. Terras N. do Paraná, já em viagem para Curitiba — Jacy e a segurança de terras de posse de terra, a cidade — Curitiba — Londrina. Com o cultivo de cana-de-açúcar, a produção de algodão no Norte do Paraná é um campo de produção de terras de Curitiba, pelo aproveitamento das terras, com a facilidade de transporte direto para o grande mercado que é a República Argentina.

As melhores terras para — — CIGARRAS SUBSTITUÍVEIS

Com uma extraordinária produtividade de algodão em algumas áreas de Curitiba, do ex-companheiro dos 548 LOTES VENDIDOS EM 1934 — São Paulo e 38 CASAS espalhadas em Curitiba — as melhores e as melhores na sua terra, muito gostáveis — a produção variando de 1000 a 1500 kg. de algodão e 1000 kg. de cana-de-açúcar, com terra muito fértil se encontra em um terreno que contém do 50% de terra — Onde há um terreno em Curitiba há 4 projetos, todos, sendo abastecidos, terra extremamente fértil e um novo município com o seu aproveitamento próximo e abastecido.

### Comp. de Terras Norte do Paraná

Londrina

Agência Principal

E. F. S. PAULO-PARANÁ

Rua 8 de Dezembro n. 48

ESTADO DO PARANÁ

São Paulo

Figura 1: Folheto publicitário da Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTPN).  
Fonte: ARIAS NETO, 1993, p. 24.

A propaganda “boca a boca” também era alimentada quando as companhias de colonização usavam como estratégia a contratação de agentes corretores de diversas nacionalidades para influenciar seus conterrâneos a adquirirem terras no norte do Paraná. O agente corretor da Companhia CTNP que representava a etnia japonesa era Hikoma Ujihara, conforme se pode

observar na figura 2. Segundo registros, ele ia até o Estado de São Paulo e fazia propaganda da terra como um grande negócio imobiliário para os imigrantes japoneses. Muitos trabalhadores do interior de São Paulo, assim como mineiros, vieram para Londrina e região, Assaí, inclusive.



Figura 2: Agente corretor da Companhia de Terras do Norte do Paraná - Sr. Hikoma Ujihara.

Fonte: GAZETA DO POVO, 2008.

Além de toda publicidade sobre uma terra que gerava riquezas – que podem se traduzir, para o trabalhador, em geração de trabalho e conseqüentemente fartura de alimentos, além de dinheiro – o processo migratório da região nordeste para essa região do norte do Paraná pode ser associado à situação no nordeste que ainda sustentava uma agricultura pouco diversificada, com grandes proprietários de terras e secas constantes que atrapalhavam a vida de pequenos proprietários, de famílias numerosas que viviam de pequenas propriedades. Sem esperanças de vida na região de origem eles viam o norte do Paraná com grandes expectativas de uma vida melhor.

A publicidade empregada pelas colonizadoras de terras do Norte do Paraná foi associada a outros fatores que estimularam a propaganda “boca a boca”. Ao averiguar as origens dos doze entrevistados nordestinos que se fixaram em Assaí observa-se que 75% deles são provenientes da cidade de Garanhuns, zona agreste meridional, no interior de Pernambuco. Segundo os

seus relatos a região passava por dificuldades de emprego e de alimentação para as famílias que eram numerosas. Quanto aos demais entrevistados, 25% vieram da Bahia.

Eles contam que vinham muitas vezes sozinhos, outros com suas famílias inteiras em busca das riquezas do Norte do Paraná. Apenas um entrevistado menciona que veio de caminhão pau-de-arara, transporte muito utilizado na época e que até hoje faz parte da cultura sertaneja por ser coletivo e de baixo custo para os passageiros (com o gravador desligado, em conversas informais, a maioria deles confirma que veio para o norte do Paraná com esse tipo de transporte).

A mão-de-obra familiar dos que adquiriram terras para plantar algodão não dava conta de todo o serviço, principalmente da colheita da fibra, necessitando de “catadores de algodão” que executavam vários serviços nos algodoais: preparar a terra, para o plantio, plantar as sementes, ralar, colher e enfardar a fibra nas propriedades rurais, além de armazenar e transportar. Esses trabalhadores eram mais conhecidos como “catadores de algodão”, embora recebessem outras denominações como apanhador de algodão, cottonicultor e cultivador de algodão, peão.

Essa necessidade de trabalho braçal é relatada por alguns entrevistados, conforme abaixo:

Naquela época (...) aqui em Assaí tinha serviço pra todo mundo (...) tinha serviço pra mulher tinha pra criança (...) porque todo mundo trabalhava né então quer dizer a colheita do algodão (...) (REIS, p. 6, entrevista n° 15/2006).

(...) as pessoa que cuía algodão pra mim, eu pagava bem, e zelava bem nos caso de comida assim né, e todas as pessoa de bóia fria tamém, eu toda vida eu tive um carinho por essas pessoa, porque se num tivesse carinho, essas pessoa num vinha coiê algodão pra gente (...) (CÂNDIDO, p. 5, entrevista n° 18/2006).

(...) antigamente era catação só manualmente por pessoa que colhia algodão, hoje é todo, maioria mecanizado (KOGUISSI, p. 4, entrevista n° 10/2005).

Ainda sobre esse trabalho braçal, em muitas propriedades era incluída a derrubada da mata para dar lugar ao plantio dessa cultura, como relatam os entrevistados:



Cortava a mata pra fazer a roça. Eu ainda alcancei tudo isso aí (...) Quando eu cheguei eles não tinha tirado aquelas madeira grande da roça, você tinha que subi naquele pau (...) acho que dava uns seis (...) dez metros (...) (SILVA, p.14 e 15, entrevista n° 27/2006).

(...) o Cebolão, Pau D'Alho aquilo na Paineira era mato, ainda ajudei derrubar muito mato aqui de machado (SILVA, p. 8, entrevista n° 45/2006).

Como se observa na menção de Monbeig (1998, p.152): "(...) o baiano é o desbravador da floresta". Dantas (2005, p. 65) destaca a afirmação de Monbeig relativa à derrubada da mata enfatizando que as "turmas de baianos" é que executam o trabalho:

Enquanto se processa a construção da casa demorada, começa a derrubada, cuja técnica já foi meticulosamente descrita... [...] No Norte do Paraná, como em outros lugares, a derrubada é raramente feita pelos próprios colonos. O mais comum é entregar esse serviço a trabalhadores especialistas, na maioria caboclos da região, ou então a turmas de baianos, que costumam empreitar esse gênero de serviço.

O baiano mencionado pelo autor, em Assaí, representa inúmeros nordestinos que participaram desse momento de derrubada da mata para a implantação da monocultura do algodão.

Ainda sobre a derrubada da mata – para o desenvolvimento da região norte do Estado do Paraná – percebe-se que não havia preocupação com o desenvolvimento sustentável da região, tudo girava sob a idéia de "progredir" e isso significava tornar a terra economicamente viável. Tendo o solo fértil como produção garantida de grandes colheitas e a certeza de escoação desses produtos pela linha férrea que estava sendo construída, acreditava-se estar construindo o progresso no norte do Paraná:

(...) construía-se um novo mundo de modo acelerado. Florestas gigantescas eram derrubadas, áreas imensas transformavam-se da noite para o dia, em campos cultivados e cidades (ARIAS NETO, 1993, p. 37).

A exploração da madeira gerou lucros suficientes para abrandar o pagamento da terra e das benfeitorias iniciais. Mas a cidade de Assaí ainda não apresenta esses registros na história do processo de colonização. Tem-se a impressão que essa exploração da mata nativa não era fator que merecesse

registro. Porém, sobre a mata nativa em Assaí, é possível inferir que continha inúmeros tipos e quantidades madeiras de lei, uma vez que quase todas as secções rurais recebem nome de árvores antes abundantes na região, como, por exemplo: Pau D'Alho, Paineira, Paineirão, Peroba, Palmital, Gurucaia e Figueira.

Nesse sentido (SILVA, 2008) comenta:

A chegada da ferrovia aconteceu, concomitantemente às companhias de colonização e às madeireiras e sempre esteve ligada, paralelamente, ao lucrativo mercado das madeiras, na extração direta e no comércio ou no transporte da mercadoria (...) árvores foram derrubadas, ou para dar lugar às monoculturas, ou para o pagamento de dívidas ou ainda para a formação de capital de giro. Este era o caso mais freqüente entre aqueles colonizadores, e que os levava à busca incessante pelas valiosas "madeiras de lei", como o cedro, a peroba, a imbuia e a figueira branca, encontradas em abundância nas propriedades com mata virgem (SILVA, 2008, p.156).

Como se pode inferir na exposição acima, a transformação da mata em terra produtiva exigiu muita mão-de-obra. Ao tratar do trabalho, essa esperança que moveu os migrantes nordestinos para Assaí, observa-se que eles próprios descrevem a sua vida como um contínuo de afazeres, pois trabalhavam de sol a sol e de domingo a domingo:

Trabalhava sábado e domingo e lavava roupa no domingo porque no sábado tinha que ir pra roça, nós sempre trabalhava, quando não dava pra carpir algodão, pra catar, colher algodão, você ia carpir (...) 6 horas da manhã a gente já estava na lavoura, principalmente naquelas noite de lua cheia que a lua amanhece já de madrugada fica como um dia, mas muitos dias de madrugada nos tava colhendo algodão (...) (PESSOA, p. 4; 3, entrevista nº 37/2006).

(...) um dia ele chegou cedinho lá em casa cedinho e eu tava fazendo a bóia pra mode ir pra roça (BRANCO, p.11, entrevista nº 23/2006).

(...) um pessoal trabalhador lutava muito, resultado colhia muito algodão (SILVA, p. 8, entrevista nº 45/2006).

(...) a gente tinha que enfrentar aquela dificuldade toda, dormir mal, alimenta mal não é, e trabalha muito (...) tudo trabalhando pra aproveitar pra ganhar um dinheirinho (...) (LUZ, p. 2, entrevista nº 06/2006)

Ah (...) era levantar e trabaiá direto, nós trabaiava direto, não faiava nem um dia (SILVA, p. 4, entrevista n° 21/2005).

(...) eu fiquei em casa pra cuzinhá e lavá roupa e da casa né, mas eu tinha que levantá 5 horas pra fazer café pra eles i pra roça, aí eu ia cozinhá feijão, arroz, ia fazer carne, fazer tudo (...) (SILVA, p. 4, entrevista n° 27/2006).

Fazia de tudo: plantava, colhia, passava veneno, trabalhava com animal (...) Armoçava nove horas (...) quando era uma hora tomava café, às vez tinha japonês que quando era quatro horas dava outro café né, aí nós trabaiava aí até as seis (SILVA, p.2; 6, entrevista n° 32/2006).

Quando eu cheguei aqui era de seis às seis. Era um dia, não tinha esses “negócio” de oito horas dez horas não. Era de seis às seis (SOUZA, p. 3, entrevista n° 02/2006).

(...) U horário lá (...) praticamente é (...) u dia amanheceu era seis hora, u dia amanheceu, tá claro, a gente ia pra roça. E tanto que quase ninguém tinha relógio pra tá marcando hora. Clariô, vão pra roça (SANTANA, p. 3, entrevista n° 13/2005).

Colhia, colhia algodão (...) Pegava 6 hora da manhã até escurecer. A hora que dava aquilo lá “nóis” trabalhava, porque era por produção (...) Eu sempre colhia em média de 60,70,80 até 90 quilos por dia (SILVA, p. 3; 2, entrevista n° 17/2006).

Fui trabaiá na centrá. Levantava cedo, almoçava umas 10 horas, tomava café lá pelas 2 horas e ia até de noite! (SILVA, p. 2; entrevista n° 24/2005).

Aah, eu tinha numa base de uns 5 anos de idade (...) nessa época a gente ia pra roça cedo, né, pra ajudar os pais, pra não ficar em casa (...) aí a gente ia cedo pra roça pra trabalhar, ficava o dia todo e daí eu e meu irmão, o mais velho, né, a gente catava algodão, colocava tudo num fardo só, né, e tinha que trabalhar mesmo, num tinha que ficar brincando não (SILVA, p.1, entrevista n° 43/2006).

Os nordestinos entrevistados – olhares retrospectivos sobre a vida na década de 1950 – explicam a sua disposição para uma existência de sacrifícios como alimentada pelo sonho de adquirir um pedaço de terra, de poder voltar para sua terra natal ou de viver com mais fartura e conforto. Os fragmentos de falas a seguir indicam como esses trabalhadores aplicavam o dinheiro fruto do seu trabalho:

(...) fui juntando dinheiro eu com meu irmão foi pra comprar essa terra (...) (PESSOA, p. 8, entrevista n° 37/2006).

(...) trabalhando com um alqueire e meio de algodão cheguei a comprá uns quatro alqueires e meio (...) cheguei comprá quinze alqueiro até aqui deu vinte alqueiro quase vinte alqueiro ai eu parei. Digo: agora vou comprá um trator (...) um trator naquele tempo eu paguei mil e oitocentos contos (...) (BRANCO, p.16 e 17, entrevista nº 23/2006).

(...) já tinha um sitiozinho já tinha comprado um terrenozinho pequeno (...) (SILVA, p. 4, entrevista nº 45/2006).

(...) trabalhando pra aproveitar pra ganhar um dinheirinho pra voltar pra terra da gente (LUZ, p. 2, entrevista nº 06/2006).

(...) vinha sem nada do Nordeste, mais depois que pagava as contas sobrava um dinheirinho. Ah, eu gastava tudo a toa mesmo (SILVA, p.7; 8, entrevista nº 32/2006).

(...) eu “trabaiei” (...) e Deus me “ajudô” e eu pude “comprá” dois “alquere” e meio de terra. Dos dois e meio, eu “trabaiei”, não “vô dizê” quantos anos que eu não “tô” lembrado (...) Depois logo surgiu cinco lá na Paineira, no Paineirão e eu vendi os dois e meio, “cumprei” cinco lá no Paineirão<sup>3</sup> (SOUZA, p. 8, entrevista nº 02/2006).

O catador de algodão naquele tempo, ele ganhava muito dinheiro porque produzia bem e o pessoal tinha aquele interesse porque produzia muito e o catador tinha interesse (...) fui guardando até eu comprar um pedacinho de terra (SILVA, p. 5; 3, entrevista nº 17/2006).

Nóis juntamo um dinheirinho pra ir pra o norte (SILVA, p. 3, entrevista nº 24/2005).

(...) minha mãe, meu pai eles (...) ah trabalhava, recebia comprava assim (...) 1 vez por ano, comprava roupa (...) e sapato que era uma vez por ano só, né e guardava (...) (SILVA, p. 3, entrevista nº 43/2006).

O dinheiro utilizava mais na comida, né, o dinheiro é (...) mais utilizado na (...) comida. I na dispesa da casa (SANTANA, p. 4, entrevista nº 13/2005).

Nas entrevistas outros aspectos são destacados, como a contratação e as relações de trabalho orientadas por valores e regras típicos das relações entre pequenos agricultores tradicionais. O que prevalece é o compromisso moral das partes contratantes. Deduz-se que esse compromisso era reforçado quando o pequeno proprietário não podia dispensar o trabalho do catador de algodão e ambos viviam e se relacionavam – mantinham vínculos – no mesmo

---

<sup>3</sup> Paineira e Paineirão são secções rurais do município de Assaí.

espaço social. Por outro lado, dada a produtividade da lavoura a renda era garantida para o trabalhador que tinha um certo controle sobre seus ganhos, pois o produto do trabalho era pesado e anotado a cada dia. Nessas lavouras a lei trabalhista nem era cogitada.

Era assim, quer dizer que não tinha nada, eu procurava os “agricultor” lá, o forte, donde tinha aquele algodão “bão” (...) eu ia lá se contratava com ele, ele tratava comigo e aí eu “coia” pra ele (SOUZA, p. 3, entrevista n° 02/2006).

Aquele que colhia mais ganhava mais, que colhia menos ganhava menos. E (...) conforme o patrão mandava “fazê” tinha que “colhê”. Limpo, naquele tempo era limpo (...) (SOUZA, p. 4, entrevista n° 02/2006).

(...) a deferença é que naquele tempo a lavoura dava, né! Às vezes dava até 600 por alqueire e agora não atinge isso, né! (SILVA, p. 4, entrevista n° 24/2005).

Naquela época outras práticas tradicionais são utilizadas no processo de implantação da agricultura para o mercado internacional. Por exemplo, praticava-se o mutirão para garantir que a colheita ocorresse a tempo de evitar perdas. Carneiro (1957) explica que o mutirão é a ajuda, em trabalho, que vizinhos dão a algum sitiante ou agricultor pobre, em dificuldades. Ou atividades realizadas por moradores em favor da coletividade (construção de um poço ou limpeza de uma estrada, por exemplo). Uma característica do mutirão é que ali não se observa distância social entre proprietários e trabalhadores. E é baseado no compromisso moral de retribuição da ajuda recebida.

(...) tinha sempre a média de dez a doze moradores unidos que colhia um começava na minha roça depois ia colher do Paulo, do Antonio, do japonês, do brasileiro, até terminar a colheita. Tinha união, isso era muito bom, éramos unidos, nós tínhamos muita união... assim às vezes a gente ia pra roça colher algodão do outro (...) (SILVA, p.10, entrevista n°45/2006).

A propósito da presença nordestina em Assaí e sua relação com os imigrantes japoneses, destacam-se como aspectos relevantes a convivência de culturas, desde as dificuldades da língua até os costumes do cotidiano que eram bem diferenciados. Segundo alguns entrevistados essa relação inicial era

simplesmente “de contrato” de trabalho, ou seja, acordos verbais, mas que depois de algum tempo tornava-se relação de amizade e confiança, de companheirismo, quando a palavra tinha valor, pois o que se falava ou combinava era cumprido. Os entrevistados não registram conflitos e calotes:

A gente contava quando juntava nortista, contava história do nortista e quando era (...) japonesada não gostava muito de conversa com brasileiro, só entre eles mesmo (SILVA, p. 6 , entrevista n° 17/2006).

Foi muito bom. Eu fui trabalhar com o Fujita, o filho dele o mais velho era o Sete Sol que o nome é Tetsuo, mas nós chamava ele de Sete Sol. E o velho Fujita, o velho muito bom, muito bom, muito certo, muito direito, uma família que você precisa ver e nos si entrosamos muito, eu com ele e el com nós, (...) nesse tempo eu me lembro muito bem que um dia chegou 4 japonês genuíno do Japão e esses japonês ficou trabalhando junto conosco. Só teve uma diferença, o japonês nós ensinava o português pra ele e ele nos ensinava o japonês. Não aprendemos nada de japonês e eles aprenderam conosco, compreendem, mas isso tudo era falta que nós não tinha necessidade de falar o japonês. Mas mesmo assim nós quando estava conversando com o japonês e tá, muitas palavras você catava dos japonês porque você vê a conversa e dava pra conversar, e o japonês também tinha muita dificuldade de entender a nós, mas te digo uma coisa, o meu relacionamento com o japonês é ótimo, muito bom porque a família do Fujita, uma família que a gente nunca esquece (...) (PESSOA, p. 6, entrevista n° 37/2006).

(...) quem que contratava sempre era os proprietários, japonês, japonês que tinha (...) tinha aquele algodão “bão” (...) eu ia lá se contratava com ele, ele tratava comigo e aí eu “coíá” pra ele (SOUZA, p. 3, entrevista n° 02/2006).

História de piada ou história de trancoso, que nem fala o nortista. Eu sempre contava uma história, eu e mais um japonês que era patrão meu, que ele contava uma história que quase eu não “intendia” porque ele era meio chegado mais na língua japonesa (...) aí ele dizia: Zé conta uma história lá de Pernambuco. Eu dizia: de Pernambuco, se eu contar as “vez” não acredita, aí eu dizia: quando é história ou uma grosa. Grosa é aquela, é tipo de um verso né (...). Aí eu falei prá ele, eu digo, a gente lá “aprendemo” assim: que dizendo aquelas poesia, ele falou: - então conta Tururi (...). Eu dizia:

Eu passo a minha trincheira  
Previso o meu batalhão  
Desta vez vou ao Japão  
E deixo a cidade arrasada  
A cidade de granada  
Que [ ] foi combatida  
Arrisco perder a vida  
Nesta batalha cruel

Pelo milagre ou fé  
Que Cristo bebeu na cruz  
Rogai por mim Jesus  
Nossa batalha cruel  
Ah, há,há (SILVA, p. 6, entrevista n° 17/2006).

E, de vez em quando, principalmente quando acabava a colheita, criavam-se oportunidades de reunião e diversão:

Bateu a viola, puxô a sanfona, eu tava dentro (...) Oche, eu num podia vê uma sanfona, eu batia dentro. Di amanhecê o dia. (SANTANA, p. 7, entrevista n° 13/2005).

As lembranças da relação entre os migrantes nordestinos e os imigrantes japoneses, evidenciam, além da colaboração nos mutirões da colheita da fibra do algodão, a confiança ao deixar o dinheiro guardado com o patrão japonês e só pegar o necessário para as despesas do dia-a-dia:

(...) naquele tempo nós pegava de pouquinho e deixava o dinheiro tudo na mão dele não mexia com banco, nem sabia mexê com isso (...) O japonês era de pura confiança, pura confiança, inclusive ele, ele dava o dinheiro pra quem quisesse, mais nós pra não fica gastando, não pegava. À vezes, muitas vezes, nós ia lá pegá um conto, (corrige a lembrança) naquele tempo não pegava, quinhentos mirréis, naquele tempo 500 mirréis. Ele dizia: eu não tenho quinhentos mirreís, hoje só tenho um conto. Aí nós dizia: então deixa, depois eu venho pegá. Não levava um conto não, pra não gastá tudo né e então era assim. Nós deixava na mão dele (...) (BRANCO, p.13;14, entrevista n° 23/2006).

As lembranças apontam com clareza a presença na cidade de Assaí dos migrantes nordestinos e o que o seu cotidiano de trabalho significou para suas vidas e para o desenvolvimento da capital do “Ouro Branco”.

Para esses trabalhadores, apesar da vida difícil, a década de 1950 representa um tempo bom: esse tempo era bom porque tinha trabalho (em contraposição aos dias atuais quando o trabalho escasseia) e alguma perspectiva.

Segundo a história de Assaí ensinada nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, o processo de colonização foi construído por imigrantes japoneses, embora os indícios de que os brasileiros migrantes participaram

efetivamente desde o início da cidade estejam presentes na própria população: os seus descendentes representam, hoje mais de 75% dos habitantes do município<sup>4</sup>.

Nesse sentido, explorar a riqueza das lembranças dos trabalhadores nordestinos pode ser uma estratégia para incorporar a sua presença à memória e à história de Assaí.

Algumas perguntas permanecem após a leitura das entrevistas. Por exemplo, os catadores não questionam porque alguns trabalhadores tiveram acesso a terra e outros não, ou quais os mecanismos que determinaram esse acesso. Será que os alunos formulam perguntas sobre essas questões?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALEGRO, Regina Célia et al. **Trabalhadores do Ouro Branco no Norte do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2007.

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado: representações da Política em Londrina – 1930/1975**. 1993. Dissertação (Mestrado em História Social) Departamento de História do FFLCH da Universidade de São Paulo, São Paulo.

ASARI, Alice Yatiyo. “... **E eu só queria voltar ao Japão**”: (Colonos japoneses em Assaí). Dissertação (Doutorado em Geografia) Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CARNEIRO, Edison. **A sabedoria popular**. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1957. Disponível: <http://www.jangadabrasil.com.br> .

DANTAS, Aldo. **Pierre Monbeig: um marco da geografia brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2005. 142p.

GAZETA DO POVO. **100 anos de imigração japonesa**. Suplemento especial do Jornal Gazeta do Povo e do Jornal de Londrina. Capa, 18 de junho de 2008. Londrina.

---

<sup>4</sup> Asari (1992) já havia constatado que no início dos anos 1990 os descendentes de japoneses representavam apenas 25% da população de Assaí.



MONBEIG, P. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Ed. Hucitec/Polis, 1998.

OGUIDO, Homero. **De imigrantes a pioneiros: A saga dos japoneses no Paraná**. Curitiba: Ipê, 1988.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná**. São Paulo: Hucitec; Curitiba: Secretaria de Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná, 1981, p. 83-111.

SILVA, Valdecido Pereira da. Madeira no Paraná. In: **Temas e questões: para o ensino de história do Paraná**. Londrina: EDUEL, 2008.

**ANEXOS:**

**Migrantes Nordestinos entrevistados.**

## ANTONIO MANOEL DE SOUZA

---



Catalogado no arquivo de transcrições do Subprojeto Relatos sobre a contribuição dos catadores na construção da cultura do algodão no município de Assaí – PR, na década de 1950 do Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná: Memória e Ensino-Aprendizagem em História, como entrevista n° 02/2006.

Senhor Antônio, popularmente conhecido como Zuza chegou em Assaí em 1950, é natural de Garanhuns–PE, ele veio para Assaí porque no nordeste havia notícias que era chegar aqui e “arrastar dinheiro com o rodo” e seu sonho era adquirir terras.

Nessa época, ele colhia em torno de setenta quilos de algodão por dia, também executou outros serviços como passar veneno com o maquinário nas costas, que segundo ele era um trabalho bem sofrido.

Trabalhou bastante que até comprou dois alqueires de terra, com os filhos que também ajudavam trabalhar no algodão e com economia ele conseguiu comprar cinco alqueires, dessa terra ele conta, com muito orgulho, que sustentou sua família constituída de nove filhos.

## FRANCISCO DE SOUZA LUZ

---



Catalogado no arquivo de transcrições do Subprojeto Relatos sobre a contribuição dos catadores na construção da cultura do algodão no município de Assaí – PR, na década de 1950 do Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná: Memória e Ensino-Aprendizagem em História, como entrevista n° 06/2006.

Senhor Souza nasceu em Rio das Contas no estado da Bahia, chegou aqui em Assaí em 1951, para trabalhar nos algodoais como peão, na época ele tinha dezessete anos, o que motivou sua vinda para a cidade de Assaí, foi devido à seca no nordeste e as dificuldades que seus pais passavam para alimentar a família que era numerosa, acerca disso, havia pessoas que tinham vindo para Assaí e traziam informações boas da região e baseado nessas informações ele veio para Assaí.

Ele relata que ficou três anos e meio trabalhando nos algodoais de Assaí, juntou dinheiro e retornou para a Bahia, mas chegando lá infelizmente a seca continuava, então ele retornou para o Paraná.

Ao retornar para Assaí, casou-se, trabalhou no comércio e foi vereador de 1976 a 1982, não foi reeleito, mas foi convidado para trabalhar como secretário municipal do Departamento de Serviços Urbanos por duas gestões municipais.

## JOAQUIM BORGES DE SANTANA

---



Catalogado no arquivo de transcrições do Subprojeto Relatos sobre a contribuição dos catadores na construção da cultura do algodão no município de Assaí – PR, na década de 1950 do Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná: Memória e Ensino-Aprendizagem em História, como entrevista n° 13/2005.

O Sr. Joaquim, conhecido como “Alemão”, nasceu em Rio das Contas, Bahia e veio para Assaí, devido à seca na Bahia e as precárias condições de vida, ele saiu para procurar recursos.

Ele relata que sofreu muito, porque não tinha prática em colher algodão e a exigência era muita, tinha que colher algodão limpo, pois se colocasse casca ou folhas o algodão perdia a qualidade, fator que influenciava diretamente no preço.

Seu “Alemão” conta que gastava o dinheiro que ganhava com o trabalho nos algodoais com a alimentação e tinha como divertimento naquela época dançar, pois ele afirma que era sambista e que quando batia a viola e puxava a sanfona ele estava lá, porque não perdia a oportunidade de se divertir.

## JOSÉ ALFREDO DA SILVA

---



Catalogado no arquivo de transcrições do Subprojeto Relatos sobre a contribuição dos catadores na construção da cultura do algodão no município de Assaí – PR, na década de 1950 do Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná: Memória e Ensino-Aprendizagem em História, como entrevista n° 17/2006.

O Sr. José Alfredo, conhecido como “Zé Tururi”, nasceu em Garanhuns, estado de Pernambuco e relata o motivo de sua vinda para Assaí, a fama do Paraná era muito boa, devido à produção de algodão e café.

Ele relata que se relacionava bem com o patrão, um imigrante japonês, esse japonês contava uma história que ele quase não entendia, devido à dificuldade do patrão japonês, expressar-se em língua portuguesa, logo em seguida ele pedia que o “Zé Tururi” contasse uma história de Pernambuco e ele contava uma história ou um verso, referente à guerra misturada com cultura cristã.

## LEOMAR DAVID DA SILVA

---



Catalogado no arquivo de transcrições do Subprojeto Relatos sobre a contribuição dos catadores na construção da cultura do algodão no município de Assaí – PR, na década de 1950 do Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná: Memória e Ensino-Aprendizagem em História, como entrevista n° 21/2005.

A senhora Leomar nasceu em Garanhuns, Estado de Pernambuco e veio para Assaí porque o povo falava que aqui dava muito algodão, então seu padraço veio, gostou e buscou a família.

No início de sua chegada, ela colhia pouco, mas depois chegou a colher dez arrobas<sup>5</sup> de algodão, usava como ferramentas de trabalho, segundo ela a própria mão para catar as fibras do algodão e um saco amarrado na cintura onde colocava o produto colhido.

O dinheiro que ela ganhava com a colheita do algodão ficava com o padraço, que aplicava com as despesas da casa e com as farras dele, pois ela relata que naquele tempo os filhos não tinham o direito de ficar com o dinheiro.

Ela ainda relata que na década de 1950, era o algodão dava vida para o povo, porque o algodão era maior riqueza do mundo.

---

<sup>5</sup> Dez arrobas de algodão são equivalentes a 150 quilos de algodão.

## LUIZ BIZARRIA BRANCO

---



Catalogado no arquivo de transcrições do Subprojeto Relatos sobre a contribuição dos catadores na construção da cultura do algodão no município de – PR, na década de 1950 do Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná: Memória e Ensino-Aprendizagem em História, como entrevista n° 23/2006.

O Sr. Luiz, conhecido como “Doca”, nasceu em Garanhuns, Estado de Pernambuco, veio para Assaí, com dezesseis anos de idade e o que motivou sua vinda foi que um dia chegou um rapaz vindo do Paraná, contando que o Paraná era muito bom e ele pediu para sua mãe, para ele vir também.

Ele conta que ele veio de caminhão pau de arara, essa viagem durou treze dias para chegar em São Paulo e como estava sem dinheiro trabalhou uns dias em Rancharia e somente depois é que veio para o Paraná.

Conheceu arroz como prato salgado somente aqui no Paraná, pois lá no nordeste só conhecia arroz doce, que se fazia nas festas e em novena.

Seu Luiz relata que trabalhou bastante, fazia muita economia, pois tentava fazer dinheiro com tudo, até mesmo catando os últimos capuchinhos de algodão, ele tinha como objetivo comprar vinte alqueires de terra, mas obteve sessenta alqueires, uma quantidade de terras muito além do que ele sonhou.



## LUIZ GONZAGA DA SILVA

---



Catalogado no arquivo de transcrições do Subprojeto Relatos sobre a contribuição dos catadores na construção da cultura do algodão no município de – PR, na década de 1950 do Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná: Memória e Ensino-Aprendizagem em História, como entrevista n° 24/2005.

O Sr. Luiz é pernambucano e veio para Assaí em 1953 para colher algodão, ele conta que trabalhava de seis as seis, trabalhava bastante, porque ganhava por arroba, quanto mais colhesse mais ganhava.

Ele colhia mais ou menos 90 quilos de algodão por dia e relata saudoso que naquela época dava muito algodão, porque a terra era muito boa.

Ele também conta que não pegava todo o dinheiro ganho com a colheita do algodão, pois deixava o dinheiro guardado com o patrão, só pegava o necessário para as despesas, nessa época a relação com os patrões era de amizade e confiança com os patrões.

## MARIA DE LOURDES BARROS DA SILVA

---



Catalogado no arquivo de transcrições do Subprojeto Relatos sobre a contribuição dos catadores na construção da cultura do algodão no município de – PR, na década de 1950 do Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná: Memória e Ensino-Aprendizagem em História, como entrevista n°27/2006.

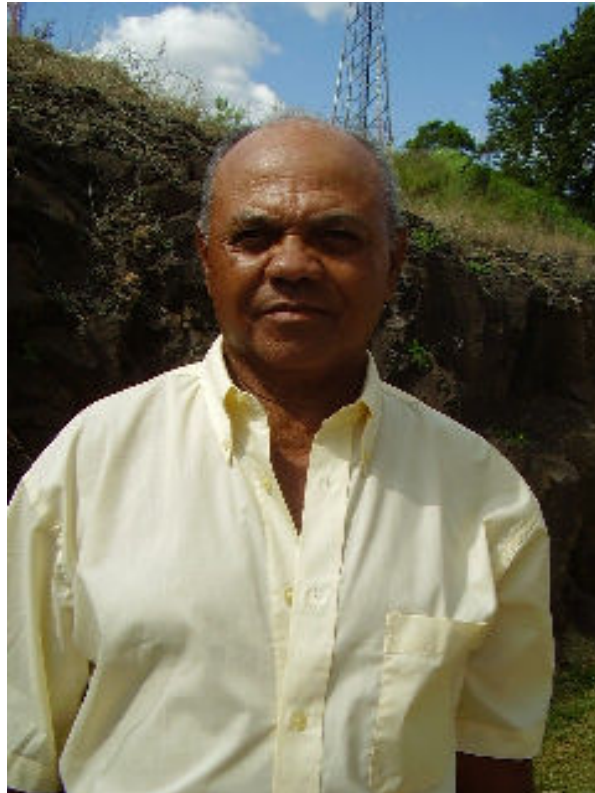
Senhora Lourdes é natural de Garanhuns – Pernambuco, veio para Assaí, porque se casou com o Sr. Zequias que já morava aqui, ela conta que ele foi buscá-la, ele chegou de repente, se casaram dentro de quinze dias e vieram para Assaí.

Ao chegar aqui foi trabalhar na roça, na colheita de algodão, ela conta que nunca tinha realizado esse tipo de serviço, mas tinha que trabalhar, porque todo mundo trabalhava.

Conta ainda que nessa época havia mata, as pessoas cortavam a mata para fazer a roça, pois as madeiras enormes atrapalhavam as ruas de algodão, tinha que pular a madeira ou dar a volta por ela para continuar à colheita do algodão.

## NELSON CAETANO DA SILVA

---



Catalogado no arquivo de transcrições do Subprojeto Relatos sobre a contribuição dos catadores na construção da cultura do algodão no município de – PR, na década de 1950 do Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná: Memória e Ensino-Aprendizagem em História, como entrevista n°32/2006.

O Sr. Nelson é natural de Angelim – Pernambuco, ele veio para Assaí em 1956, para trabalhar como peão, o que motivou sua vinda foi à comunicação com algumas pessoas que moravam aqui que lhe deu boas informações.

Ele conta que como peão fazia de tudo, desde plantar, colher e passar veneno nas lavouras de algodão, se lembra que era muito triste, porque no nordeste o clima era quente e ao chegar aqui tinha como barreira o frio, ele não tinha cobertores e roupas apropriadas para proteger-se do frio, então ele dormia no meio do algodão colhido, que era armazenado em um barracão, conhecido como tuia.

Ele gastava seu dinheiro, quando vinha para a cidade aos sábados, relata que gastava tudo à toa mesmo, entre risos.

## SEVERINO FÉLIX PESSOA

---



Catalogado no arquivo de transcrições do Subprojeto Relatos sobre a contribuição dos catadores na construção da cultura do algodão no município de – PR, na década de 1950 do Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná: Memória e Ensino-Aprendizagem em História, como entrevista n°37/2006.

Severino chegou em Assaí em 1956, com sua família e relata que o motivo da sua vinda para Assaí deveu-se a umas fotografias das lavouras de algodão mostradas por um amigo que havia estado no Paraná. Ele ficou louco por essa terra e veio para catar algodão.

Foi trabalhar para a família do Fujita, como catador de algodão, fazia muita economia, só pegava o dinheiro necessário para as despesas e deixava o restante do dinheiro com o patrão, três anos depois já em 1959 comprou seu primeiro sítio de seis alqueires e meio. Mesmo depois de adquirir sua propriedade continuou a trabalhar com a família do Fujita e nos momentos de folga plantava algodão em sua propriedade.

Depois disso foi adquirindo muitas outras terras e numa certa época, chegou a plantar cerca de dois mil alqueires de algodão, ele conta que obteve sucesso com muito trabalho e graças ao algodão.

## VALQUÍRIA DIAS MARTINS DA SILVA

---



Catalogado no arquivo de transcrições do Subprojeto Relatos sobre a contribuição dos catadores na construção da cultura do algodão no município de – PR, na década de 1950 do Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná: Memória e Ensino-Aprendizagem em História, como entrevista n°43/2006.

Dona Valquíria é natural de Jequié – Bahia, veio para Assaí com seus pais, ainda criança, relata que seus pais vieram para Assaí, porque na Bahia tinham uma vida muito difícil e comentava-se que Assaí era uma grande produtora de algodão, daí eles vieram na esperança de ganhar dinheiro.

Como era criança colhia pouco algodão, ao final do dia ela e seu irmão conseguiam colher quinze quilos, o equivalente a uma arroba de algodão.

Ela conta que naquela época o cotidiano era só de trabalho, pois trabalhava o dia todo e no outro dia era a mesma coisa, não descansava nem no domingo, porque tinha que aproveitar o sol, só descansava quando chovia.

## ZEQUIAS RUFINO DA SILVA

---



Catalogado no arquivo de transcrições do Subprojeto Relatos sobre a contribuição dos catadores na construção da cultura do algodão no município de – PR, na década de 1950 do Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná: Memória e Ensino-Aprendizagem em História, como entrevista n°45/2006.

O Sr. Zequias é natural de Garanhuns-Pernambuco veio para Assaí em 1948, porque seu cunhado já estava aqui e ele trouxe a esposa dele, e as duas filhas e acabou ficando na casa deles, porque havia serviço de carpir, plantar e colher algodão.

Ele conta que o algodão na década de 1950, o algodão era famoso e vinham muitos trabalhadores, uns homens de coragem e como resultado colhiam muito algodão.

Relata também que quase não havia diversões, na época em que chegou aqui, mas de vez em quando inventava uns aniversários pra fazer um “forrozinho” pra se alegrar um pouco, porém quando dava meia noite o “bailinho” já acabava, porque no outro dia tinha que trabalhar e se lembra ainda que não tinha domingo nem feriado na época do algodão, só paravam o dia que chovia.